

Do castro de S. Domingos a Meinedo: Proto-história e Romanização na bacia superior do rio Sousa

*José Marcelo Mendes-Pinto**

Resumo

A bacia superior do rio Sousa distribui-se pelos concelhos de Felgueiras e Lousada, constituindo um território fértil, bem drenado, com aptidões naturais e vastidão de recursos que, desde cedo atraíram populações que aqui se estabeleceram e estão documentadas arqueologicamente a partir, pelo menos, do período Neolítico. As explorações de estanho nos montes do Seixoso, controladas pelo castro da Senhora Aparecida (Pinheiro-Felgueiras), explicam a pujança do povoamento nesta área, do Bronze à Idade do Ferro, numa época dominada pela chamada Cultura Castreja. O povoado de S. Domingos (Cristelos-Lousada), sobre o rio Mezio, afluente do Sousa, é paradigmático desta expansão, pois nele se pode documentar a evolução da cultura dos castros pelo menos desde o século V a.C., bem como as relações existentes com o comércio do Mediterrâneo Oriental. As campanhas de Augusto deixaram marcas, bem como a evolução da romanização até à chegada dos bárbaros, em pleno século V d.C. A intensidade da romanização na bacia superior do rio Sousa, com a adopção de um modelo de povoamento diferente, é patente na introdução de novas unidades de exploração económica do território, como a *villa* romana de Sendim (Sendim-Felgueiras) e povoados mais baixos, de que o provável *vicus* de Meinedo (Meinedo-Lousada), sobre o rio Sousa, também poderá ser paradigma.

Abstract

The upper basin of Rio Sousa distributes itself through Felgueiras and Lousada, creating a fertile territory, well drained, with natural aptitudes and vast resources that soon attracted the populations that settled in the land and are there archaeologically represented, at least since the Neolithic period. The exploration of tin in the hills of Seixoso, controlled by Castros Senhora da Aparecida (Pinheiro-Felgueiras), explain the abundance of the village in this area, from the Bronze to the Iron Ages in a time dominated by the so called Cultura Castreja. The village in S. Domingos (Cristelo-Lousada), over the river Mezio, affluent of the Sousa, is paradigmatic of this expansion, because there we can document the evolution of the culture of the castros at least since the century V b.C., as well as the existing relationships with the Oriental Mediterranean. Augustus' campaigns have left their mark, and so did the evolution of Romanization until the arrival of the barbarians, in the century V a.D. The intensity of the Romanization in the upper basin of Rio Sousa, with the adoption of a different village model is visible in the introduction of new economic exploration units of the territory, such as the roman *villa* of Sendim (Sendim-Felgueiras) and the villages down below, of which the *vicus* of Meinedo, over Rio Sousa, may also be a paradigm.

* Mestre em Arqueologia pela FLUP. Professor Universitário. Arqueólogo.

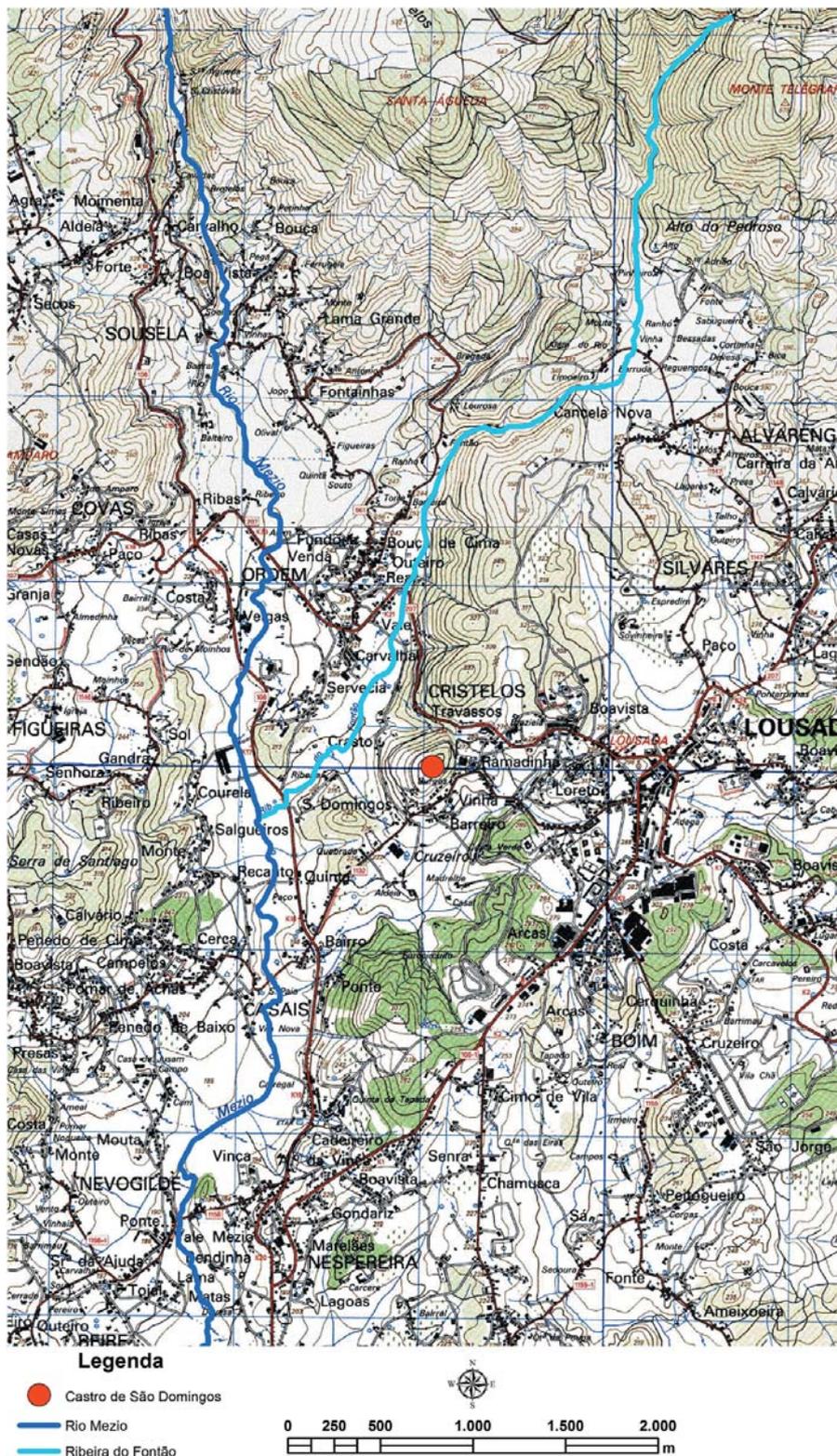


Figura 1. O vale do rio Mezio (C.M.P - esc. 1:25.000, folha 112)

1 - Preâmbulo

A bacia superior do rio Sousa abrange na sua quase totalidade os concelhos de Felgueiras e Lousada, e pode ser definida como uma verdadeira bacia de recepção e drenagem, com um conjunto de linhas de água que, descendo dos montes que a rodeiam, confluem para uma outra que origina o rio Sousa, correndo no sentido NE-SW (Mendes-Pinto 1995: 267). Uma vintena de quilómetros depois da sua nascença, já em terras de Penafiel, o Sousa é engrossado com as águas do rio Mezio que, nascido na serra de Campelos, corre encaixado a W pelos montes de Covas e pela serra de Santiago, e a Leste pelos montes que da Santa Águeda descem até à Nespereira, atravessando o concelho de Lousada no sentido N-S e alargando-se num vale aberto e fértil que constitui um corredor natural de comunicação entre o vale do Ave-Vizela e a bacia hidrográfica do rio Sousa (Fig. 1).

Os seus terrenos, de uma grande potencialidade agrícola, são formados por aluviões e depósitos arenos-argilosos de fundo de vale, do Holocénico, encaixados entre uma larga faixa de granitos monzoníticos porfiróides, de duas micas, essencialmente biotíticos, a oeste, e uma estreita orla de

metamorfismo termal, com xistos, grauvaques, quartzitos e metassedimentos recristalizados com corneanas, a leste. Algumas ribeiras, como a do Fontão, e outras pequenas linhas de água, como o rio de Moinhos, contribuem também para a fertilização da área envolvente, pouco acidentada e de declives relativamente suaves, com altitudes que oscilam entre os 577m do alto da serra da Lustosa-Campelos e os 177m das margens do Mezio. Aqui predominam os solos com horizonte B câmbrico¹, ricos em potássio, permeáveis e aráveis, com uma textura areno-humífera de espessa cobertura, dos mais ricos da região.

2. O povoamento do vale do rio Mezio

Quando publicámos em 1995 uma primeira abordagem ao povoamento da bacia superior do rio Sousa², fizémo-lo numa perspectiva globalizante, analisando este fenómeno em todas as suas vertentes e em todo o território em questão. O desenvolvimento da investigação que conduzimos ao longo destes anos, quer no Castro da Senhora Aparecida e na *Villa Romana* de Sendim, em Felgueiras, quer no Castro de S. Domingos e no povoado romano de Meinedo, em Lousada, permitem entrever perspectivas mais específicas, que conduzirão a um melhor conhecimento da forma como evoluíram as sociedades aqui estabelecidas desde os alvares da Idade do Ferro até à ocupação pelos povos bárbaros, nos finais do Império Romano.

A área sobre a qual nos debruçamos neste trabalho corresponde à do actual concelho de Lousada e é constituída pelo vale do rio Mezio e pelos inícios da abertura do vale do Sousa, logo após a bacia de recepção e drenagem onde este se constitui.

Pequeno afluente da margem direita do rio Sousa, a importância do vale do rio Mezio advém-lhe funda-

mentalmente do facto de, como dissemos atrás, constituir um corredor de comunicação privilegiado entre os vales do Ave-Vizela e do Sousa, zonas de óptimas aptidões e recursos naturais, desde cedo escolhidas para assentamento de populações, como a arqueologia vem revelando. É a diversidade dos padrões de assentamento e a sua variação ao longo dos tempos que procuramos estudar neste trabalho.

Pouco ou nada se sabe da ocupação do vale do Mezio durante o Paleolítico, devido à falta de terraços fluviais quaternários e devido, sobretudo, à falta de prospecção especializada. Dadas as características da região, a sua abundância em veios de água e a sua fertilidade, ela terá sido cruzada, sem dúvida, por bandos de caçadores-recolectores que porventura aí terão acampado sazonalmente mas dos quais ainda se não conhecem vestígios.

Com o advento da Neolitização e a progressiva sedentarização das populações, as chãs da Lustosa na serra de Campelos, situadas na cabeceira do vale do Mezio, são marcadas por tumulações colectivas³ provavelmente desde o IV milénio a.C. Aí existiram até 1995 cerca de 17 mamoadas escondendo as suas câmaras megalíticas (Jorge 1982: 515-518), tendo nesse ano sido arrasadas pelas máquinas de uma empresa de celulose ao prepararem o terreno para a plantação de eucaliptos

Apesar da necrópole megalítica da Lustosa estar referenciada na Carta Arqueológica de Lousada⁴ e constar da Carta de Condicionantes do Plano Director Municipal de Lousada⁵, que aí estatui uma zona “*non aedificandi*” cercada por uma ampla zona de protecção, a maior parte das mamoadas foi literalmente arrasada devido a alegado “desconhecimento” da sua existência por parte da empresa em causa. Num dos monumentos aparentemente menos afectados, decorreram em 1998 duas

¹ *Carta de Capacidade e Uso do Solo de Portugal. Base e normas adaptadas na sua elaboração*, Centro Nacional de Reconhecimento e Ordenamento Agrário, Lisboa, 1983. Escala 1:25.000.

² José Marcelo S. Mendes Pinto, O povoamento da bacia superior do rio Sousa. Da proto-história à romanização, *Trabalhos de Antropologia e Etnografia*, Vol. XXXV,1 (Actas I Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. V), Porto, 1995.

³ Esta necrópole, inicialmente identificada por Armindo de Sousa, Armando Coelho F. da Silva *et alii*, distribuía-se por 3 núcleos, numa área com mais de 1,5 km de extensão. Contudo, em prospecções aí realizadas em 1976 e 1977 por V. Oliveira Jorge e Armindo de Sousa, apenas se vieram a identificar 17 mamoadas, talvez devido a destruições entretanto verificadas.

⁴ J. M. S. Mendes-Pinto, *Carta Arqueológica de Lousada*, Lousada, 1992 (Polic.)

⁵ J. M. S. Mendes-Pinto, Património Arqueológico de Lousada, *Plano Director Municipal de Lousada*, Lousada, 1992.

campanhas de escavações arqueológicas promovidas pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada e dirigidas pela Dr^a Margarida Moreira com o objectivo de determinar a sua tipologia, e tendo ainda em vista a recolha de dados em função de um melhor conhecimento do estabelecimento de populações neolíticas nesta região. Como espólio mais relevante, é de salientar o aparecimento de micrólitos trapezoidais em quartzo e uma ponta de seta em sílex.

Contudo, não foram encontrados até ao momento vestígios do ou dos povoados onde assentariam as populações que aqui tumularam os seus mortos, mas apareceram ainda vestígios neolíticos no chamado, talvez impropriamente, Monte dos Castros (Sousela), elevação rochosa na cabeceira do vale do Mezio, junto à estação da Cova do Bufo⁶ (Diniz 1963: 94).

A mutação cultural decorrente da introdução da metalurgia nesta região também ainda está muito mal documentada, sem dúvida por falta de prospecção, podendo atribuir-se já ao Bronze Final a ocupação do Castro dos Mortórios⁷ (Freamunde/S. João de Covas), implantado numa elevação sobre o rio de Moinhos, pequeno afluente do Mezio (Silva 1986b: 106-107 e Diniz 1963: 94). A partir desta época começamos a verificar, à semelhança do que se passa por todo o noroeste de Portugal, que as populações para assentarem os seus povoados denotam especial apetência por locais elevados, com condições naturais de defesa, que muitas vezes complementam com a edificação de muralhas, acompanhadas ou não por fossos (Silva e Gomes 1992: 36-39). Esta mutação cultural tipifica-se ao longo da II Idade do Ferro, na chamada Cultura Castreja, atingindo o seu apogeu já em plena fase de romanização, após o que declina durante a segunda metade do século I d.C.

Parece surgir neste período o povoado que detec-

támos no Alto de Nevogilde (Nevogilde), sobranceiro ao vale do Mezio, onde, para além de cerâmicas indígenas características da Fase III da Cultura Castreja⁸, encontramos também cerâmica comum romana, bem como o Castro de S. Domingos, cuja problemática iremos analisar em pormenor. No alto do monte de Santa Águeda está referenciada a existência de um castro⁹, que seria a implantação de maior altitude desta região (577m), estando hoje em dia a topografia do local seriamente alterada pelas várias terraplanagens destinadas à plantação de eucaliptos (Silva 1986: 84).

Verificamos então que ao longo do I milénio a.C. as populações aqui se foram radicando, tendo como base povoados fortificados instalados nas colinas altas que bordejam o vale do Mezio. Estes povoados enquadram um mesmo tipo de possibilidades e alternativas económicas, em que uma agricultura de subsistência com um reduzido desenvolvimento tecnológico e quase confinada à horticultura e a uma ou duas culturas cerealíferas - trigo e cevada -, levando a um esgotamento rápido dos solos, teria que ser complementada com a criação de rebanhos e com a recolha, como aliás atestam as fontes clássicas¹⁰.

A fértil veiga do rio seria pois aproveitada, essencialmente para a recolha e alguma caça, indiciando o aparecimento de pesos de rede e anzóis de bronze no castro de S. Domingos que a pesca no Mezio e ribeiras afluentes devia complementar a dieta alimentar destas populações. A ideia de uma sub-utilização das terras férteis do vale até à conquista romana e subsequente aculturação das populações aqui instaladas é sugerida pela análise do modelo de “territórios de exploração” estabelecido para esta região¹¹, em que verificámos não haver interpenetração dos territórios até 30 minutos¹² (Mendes-Pinto 1995: 273-274), pelo que não deveria existir a noção de apropriação da maior parte dos terre-

⁶ Desta estação, que se situa na extrema do concelho de P. de Ferreira com Lousada, são provenientes um machado polido e uma ponta de lança (?) em sílex, depositados no Museu de Arte Sacra e Arqueologia do Seminário Maior do Porto.

⁷ Aqui apareceu uma ponta em bronze de uma lança ou de um punhal, depositada no Museu de Arte Sacra e Arqueologia do Seminário Maior do Porto.

⁸ Adoptamos neste ponto a periodização proposta por Armando Coelho F. da Silva (1986^a: 66-77).

⁹ Aí apareceram, há alguns anos atrás, restos do que pode ter sido uma pia talhada em granito, bem como alguns fragmentos de cerâmica grosseira, com muitos desgordurantes de calibre médio e cor amarelada (?), pouco ou nada conclusivos.

¹⁰ - Estrabão, Geografia, III., 3, 5 e 6-7.

¹¹ - Xusto Rodriguez 1988-89: 23-30 e 1992: 28-37; Carballo Arceu 1996: 107-138.

¹² - Os territórios de exploração de toda esta região aparecem englobados na carta da Bacia Superior do rio Sousa, Est. VI.

nos da veiga por nenhum destes povoados, antes constituiriam uma “no man’s land” explorada cinegeticamente por todos consoante as suas necessidades específicas e momentâneas. Esta situação, por vezes, seria geradora de conflitos que, a par do natural aparecimento e afirmação de fenómenos de identidade, justificariam o amuralhamento destes povoados.

O panorama irá mudar radicalmente com a conquista romana: as escavações arqueológicas por nós levadas a cabo no monte de S. Domingos têm mostrado que a partir dos finais do século I a.C. o povoado aqui instalado afirma-se como dominante no vale, talvez devido às suas óptimas condições naturais, reagrupando e provocando o abandono dos outros povoados da zona, como o do Alto de Nevogilde, que, quando muito, manterão apenas uma ocupação residual por mais algum tempo. As casas romanas são agora edificadas na meia-encosta do monte de S. Domingos, sobre os alicerces e pátios das casas indígenas, incorporando alguns dos seus elementos, e já mais próximos da veiga, onde reforçam um sistema de exploração agrária que perdurará mesmo para além da queda de Roma, baseado em unidades bem características: as *villae* e os casais - ou granjas, no dizer de Alarcão-, com as quais se devem poder relacionar a ara dedicada aos *Manes*¹³ que se encontra na Capela de S. Cristóvão (Sousela), datável talvez do séc III/IV, e a estela funerária de Eira Vedra¹⁴, com a mesma cronologia (Fortes 1905: 479, nº 4; Vasconcelos 1913: 421). Temos desenvolvido prospecções tendentes a identificar estas explorações agrícolas romanas e qual a sua malha de implantação, anunciando-se para outro trabalho os resultados destas prospecções.

É também na época romana que as comunicações vão sofrer importantes modificações e passam a ter uma importância cada vez maior. O vale do Mezio continua a ser um corredor natural de passagem, ago-

ra pondo em contacto duas zonas de intensa romanização como são o vale do Ave-Vizela e o vale do Sousa, onde se localizam os assentamentos romanos de Aveleda, Boavista-Vila Fria (Aveleda), o provável santuário de Pias¹⁵, a *villa* romana da Quinta dos Ingleses (Caíde de Rei), Meinedo, Cales-Covelo.

O atravessamento deste vale na época romana terá sido feito através da via que sai de Braga em direcção a sudeste mas que não vem descrita no *Itinerário* de Antonino. Carlos A. Ferreira de Almeida (Almeida 1968: 40-41 e 189-190) fá-la sair pela Falperra, indo a S. Martinho de Sande e a S. João da Ponte, onde bifurcava, vindo um dos ramos a Caldas de Vizela, seguindo depois ao longo do rio Mezio pelas freguesias de Casais e Nespereira, passando pelo *vicus* de Meinedo, onde atravessaria o rio Sousa, dirigindo-se provavelmente a Monte Mozinho¹⁶ e à foz do rio Tâmega (Soeiro 1984: 60 e 85). Este era atravessado passando a Várzea do Douro, de onde seguia em direcção a Viseu.

Este traçado apontado por C. A. Ferreira de Almeida, parece-nos em certos pontos não encaixar bem no perfil tradicional da viação romana (Quilice 1994: 85-154), pois a travessia das freguesias de Casais e Nespereira teria que ser feita pela veiga a uma cota quanto a nós demasiado baixa, sabendo-se da preferência dos romanos, sempre que possível, pelos traçados mais altos por razões de visibilidade, segurança, economia e solidez do terreno (Almeida 1968: 18-19).

Mais recentemente, Lino Dias (1997, p.320) refere esta via fazendo a ligação *Bracara Augusta-Magnetum* (Meinedo)-*Tongobriga*, adoptando basicamente o traçado proposto por C. A. Ferreira de Almeida, mas, baseando-se em Alarcão (1998: 91), propõe uma bifurcação por alturas de Meinedo, um ramal seguindo para Monte Mozinho e outro para *Tongobriga*. Este traçado não nos parece também de todo viável: em primeiro lugar, porque coincide com

¹³ - Inédita.

¹⁴ - *Catálogo do Museu Nacional de Soares dos Reis*, p.8, nº13.

¹⁵ - Prospecções que aí desenvolvemos em 1992 tendentes a apurar com segurança da existência de um assentamento em Pias, sobranceiro ao rio, levaram-nos a identificar o que pode ter sido um santuário rupestre, talvez do tipo do de Panóias. Fotografámos e desenhámos várias cavidades rectangulares abertas em penedos (pias?), que em grande parte se encontram aterrados, vestígios de um complexo que, no estado actual das investigações, ainda não conseguimos compreender na sua totalidade.

¹⁶ - T. Soeiro descreve a travessia desta via pela zona por si estudada como vinda de Bustelo, acompanhando o rio Cavalum em direcção a sul até ao vale da ribeira de Camba, descendo então até S. Vicente.

o trajecto apontado anteriormente por Casais e Nespereira, com os inconvenientes atrás referidos; em segundo lugar, parece-nos que a bifurcação operar-se-ia só depois da travessia do Sousa na ponte de Espindo (o que evitava a construção de uma segunda ponte numa distância tão curta) e da passagem em Bustelo¹⁷, seguindo então uma das derivações ao longo do rio Cavalum e da ribeira de Camba em direcção a Mozinho e S. Vicente, e passando a outra derivação por Croca, onde uma importante necrópole se encontrava à sua margem (G. C. Pinto, 1996). Daqui iria até Quires e Canavezes, atravessando para a margem esquerda do Tâmega, e seguindo então a *Tongobriga*. Em relação à travessia do Sousa em Espindo, perto de Meinedo, apesar da ponte que aí vemos ser claramente de origem medieval, há a referir que nas suas proximidades, no lugar de Silvosa, detectámos um troço de estrada lajeada com cerca de 100 m, num percurso cujo traçado e características gerais podem corresponder ao da antiga via romana, reutilizada com certeza na época medieval (Mendes-Pinto 1995: 279).

A verdade é que não encontrámos no vale do Mezio, até à data, nenhum vestígio físico da passagem desta via que possa ser atribuído indiscutivelmente à romanização: prospecções intensas levadas a cabo a norte, na Portela de Barrosas e nos Montes de Sá, pouco depois das Caldas de Vizela, levaram apenas à identificação de um caminho antigo que corre nas cristas das elevações, sem os vestígios do característico lajeado romano. Em trabalho de campo desenvolvido ao longo destes anos, percorremos toda a zona de Sousela, os contrafortes da Serra de Campelos e do monte de Santa Águeda, bem como os montes de Ordem, tendo também aí encontrado vestígios do caminho antigo, de características análogas ao atrás descrito, que apresenta uma certa uniformidade de cota a meia-encosta e

uma boa adaptação às características topográficas do terreno, com pendores suaves, sendo muitas vezes talhado no próprio afloramento rochoso, como é possível constatar em Sousela. Aí, verifica-se que o afloramento granítico foi bem desbastado, sobretudo nas zonas inclinadas, e apresenta de onde em onde marcas dos rodados de carro de tracção animal. Contudo, o deslizamento das terras das vertentes cobre quase todo o traçado, há muito abandonado e hoje em dia integrado em zona de floresta, sendo apenas um caminho de pé posto na maior parte do seu percurso.

Temos então que apenas as necrópoles da Senra (Sarmento 1902: 13) e de Rielho (Sarmento 1884: 171) em Santa Eulália de Barrosas, próximo às Caldas de Vizela, a sucessão de epígrafes ao longo da ribeira de Sá e do rio Mezio¹⁸, a necrópole do castro de S. Domingos (Cristelos), as sepulturas escavadas na rocha de Boim¹⁹ e a proximidade do *vicus* de Meinedo, parecem constituir balizas ao longo das quais podemos traçar o itinerário provável desta via no vale do Mezio: ela atravessaria o rio na Ponte Velha das Caldas de Vizela, subia à portela de Barrosas, vinha pelos montes de Sá, passava pelos contrafortes da serra de Campelos, em Sousela e Ordem, fazendo depois a transição para o vale do Sousa ao subir por trás do monte de S. Domingos (Cristelos) à chã de Arcas e começando a descer por Boim até Silvosa, atravessando o rio Sousa na ponte de Espindo, perto de Meinedo.

3. O Castro de S. Domingos

O castro de S. Domingos é pela primeira vez identificado como tal na literatura arqueológica por Francisco Martins Sarmento (1933: 166) aquando de uma visita que aí terá efectuado em finais do século XIX (entre 1880 e 1882, mais exactamente), mas será D.

¹⁷ - Aí terá existido um assentamento em época romana, tendo sido escavada uma grande necrópole. Também aí apareceu, há uns anos, um importante tesouro de *nummi* da época da Tetrarquia.

¹⁸ - Cfr., além das epígrafes já citadas no texto, CIL II, 2404, 2405 e 155a; (Sarmento 1884, p. 170); (Cardoso 1985, p.60, nº 40);

¹⁹ - Na freguesia de Boim foi detectado um núcleo de três sepulturas antropomórficas escavadas num afloramento granítico, de cronologia medieval. M. J. Barroca (1987, p.129) defende a possibilidade de “a existência das sepulturas rupestres isoladas ou agrupadas em número restrito se poder explicar pela presença de vias de comunicação”, constituindo, portanto, uma pervivência das inumações em necrópoles à beira das vias, como era uso entre os romanos. A via que por aqui passava deveria ser a antiga via romana ainda em utilização, como em muitos locais aparece referido em documentação dos séculos XII e XIII. Recentemente, detectámos também nas proximidades destas sepulturas vestígios de um forno romano.

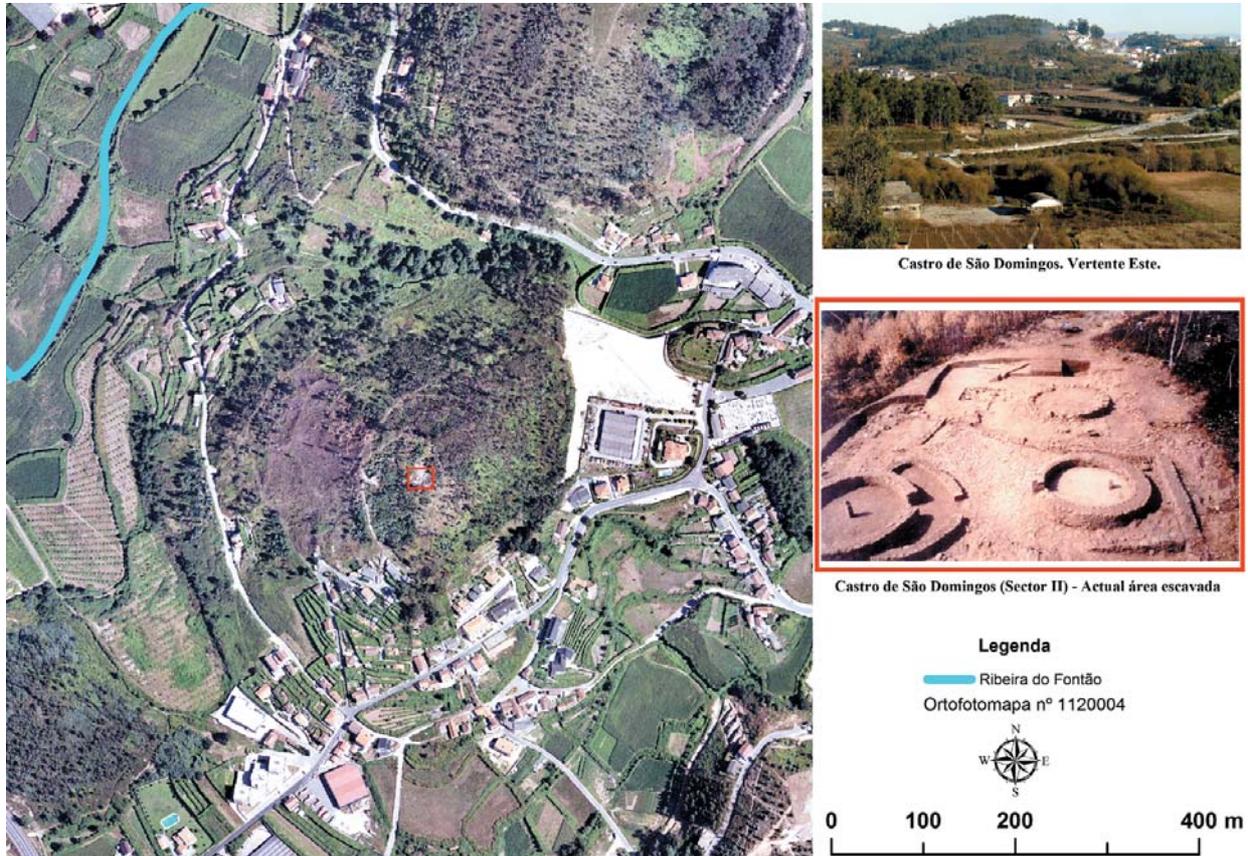


Figura 2. O castro de S. Domingos (fotografia aérea)

Domingos de Pinho Brandão (1957) o primeiro autor a divulgá-lo e a recolher alguns materiais de superfície que deposita no Museu do Seminário Maior do Porto. É aí que A. Alarcão (1958: 274) identifica um fragmento de uma forma DRAG. 37, de fabrico hispânico, decorada a molde com métopas de palmetas e que atribui provavelmente aos inícios do século II d.C.

O castro domina visualmente todo o vale do rio Mezio (Fig. 2), apresenta óptimas condições naturais de defesa, com toda a probabilidade completadas com pelo menos três ordens de muralhas - correspondentes a cada uma das três grandes plataformas aí visíveis - separadas por fortes declives, e onde se terão inscrito preferentemente as estruturas habitacionais. A tradição local aponta para a existência de uma antiga capela no topo do monte, dedicada a S. Domingos, e que, como em muitos outros locais, terá cristianizado o sítio.

Situado no Monte de S. Domingos, na freguesia de Cristelos do concelho de Lousada, distrito do Porto, o seu ponto médio vem referenciado na Carta Militar de

Portugal, esc. 1:25.000, folha 112, com as seguintes coordenadas geográficas:

41°	16'	43''	Lat. N
8°	17'	40,7''	Long. W

A altitude do monte é de 315,8 metros sobre o nível médio do mar, e na sua base corre a ribeira do Fontão. O povoado foi edificado num outeiro de forma cónica e topo levemente aplanado, dominando a veiga do Mezio.

3.1. As escavações arqueológicas no Monte de S. Domingos

3.1.1. O alto do Castro de S. Domingos

Em 1994 iniciaram-se os primeiros trabalhos de investigação arqueológica na plataforma superior do castro de S. Domingos, que se prolongaram em cam-

panhas sucessivas até 1998²⁰. As escavações começaram por revelar, junto à borda oeste da colina, uma estrutura de planta circular, com vestíbulo de braços assimétricos em forma de patas de caranguejo, um deles com aparelho e forma mais cuidados, claramente posterior ao outro, mais fruste. A porta, assim como a entrada do vestíbulo, encontram-se orientadas a leste, defendidas dos ventos dominantes de norte e estão viradas a um pátio lajeado, em que se integra, do lado esquerdo da porta, um dormente de uma mó granítica circular rodeado de uma série de pequenas cavidades em forma de cone invertido que interpretamos como pequenos almofarizes.

Esta estrutura apresentava-se muito destruída, subsistindo apenas a nível de alicerces, tendo a escavação decorrido em níveis inferiores à sua camada de ocupação. O espólio aparecido nas valas de fundação dos muros desta estrutura circular e do murete sul do átrio era constituído unicamente por cerâmicas de feição indígena, algumas das quais ostentando decoração em escudetes, típica da Fase IIb da Cultura Castreja (Silva 1996: 50). Se conjugarmos este dado com o aparecimento de fragmentos de cerâmica de cariz meridional ou púnico²¹ encontrados numa pequena sondagem efectuada numa plataforma inferior à actual escavação (sector I), aliados ao achado estratigrafado de uma conta esférica de pasta vítrea, oculada, de cor azul - claro com o ponto central azul escuro sobre fundo branco, também de origem púnica²², podemos atribuir a construção desta estrutura aos finais do séc. IV, inícios do séc. III a.C.

O alargamento da escavação permitiu verificar, em primeiro lugar, a pequena potência estratigráfica da cobertura das estruturas e do pátio lajeado, que se prolongava para norte e para leste, apresentando-se bastante destruído a sul. Em segundo lugar, verificámos que em frente à estrutura circular com vestíbulo se posicionava uma outra estrutura redonda, esta em melhor estado de conservação, pois no seu interior ainda foi possível detectar um piso de terra batida, no qual

se notava o buraco do poste de sustentação do telhado em posição descentrada. Junto à porta, virada a W, e também integrado no lajeado do pátio, bem encastrado, apareceu um outro dormente de mó circular rodeado de almofarizes, sugerindo a utilização doméstica da zona norte do pátio como área destinada a moagem, provavelmente de bolota e cereais.

O pátio lajeado está delimitado a norte por um muro em aparelho irregular de dupla face que se prolongava obliquamente, fazendo um canto arredondado e inflectindo no sentido norte-sul por detrás da segunda estrutura circular, a leste. Deste muro arranca perpendicularmente um pequeno murete que com ele forma um compartimento de planta sub-retangular de cantos arredondados e que identificámos como sendo a cozinha, dada a espessura de cinzas e carvões que constituíam a camada (02) do seu interior, bem como pela grande quantidade de cerâmicas enegrecidas a fogo aí aparecida. Este compartimento seria já coberto de *tegula*, e apresenta a sul uma lareira muito bem estruturada, com uma forma quase absidal, parecendo estarmos perante um forno, com o piso cerâmico em muito bom estado de conservação. De notar neste compartimento o aparecimento junto ao piso, juntamente com bastantes fragmentos de *tegula* e *imbrex*, de blocos de argamassa (8X5X3,5 cm) com uma face bem alisada e enegrecida pelo fumo, evidenciando o estucamento das suas paredes interiores. Verifica-se então que estamos perante um verdadeiro núcleo habitacional de tipo familiar, com paralelos conhecidos em toda a área abrangida pela Cultura Castreja, com exemplos evidentes na Citânia de Sanfins, que fica a curta distância e desempenhou papel de lugar central e provavelmente de capitalidade nesta região dos *Bracari*, e ainda na de Briteiros, no Monte Padrão, em Mozinho ou mesmo no castro de Romariz, mais a sul.

Este núcleo (Fig. 3), com entrada pelo lado norte, apresenta desse lado um outro compartimento de planta quadrangular, ao qual o lajeado não encosta, com um

²⁰ - Estes trabalhos foram alvo de uma comunicação com o título "O Castro de S. Domingos (Cristelos-Lousada) e o povoamento do vale do rio Mezio", no colóquio de homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida sob o tema *Castrexos e Romanos no Noroeste*, realizado em Santiago de Compostela em 1997 e cujas actas, infelizmente, não foram publicadas até ao momento.

²¹ - A. C. F. Silva e J. M. S. Mendes-Pinto, Comércio Púnico com o Noroeste, *Os Púnicos no Extremo Ocidente* (Actas do Colóquio Internacional, Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000), Universidade Aberta, Lisboa 2001, p. 229-237.

²² - Sobre a tipologia destas contas, ver E. Ruano Ruiz 1996: 46-55. Cfr. também *op. cit.* nota 19.

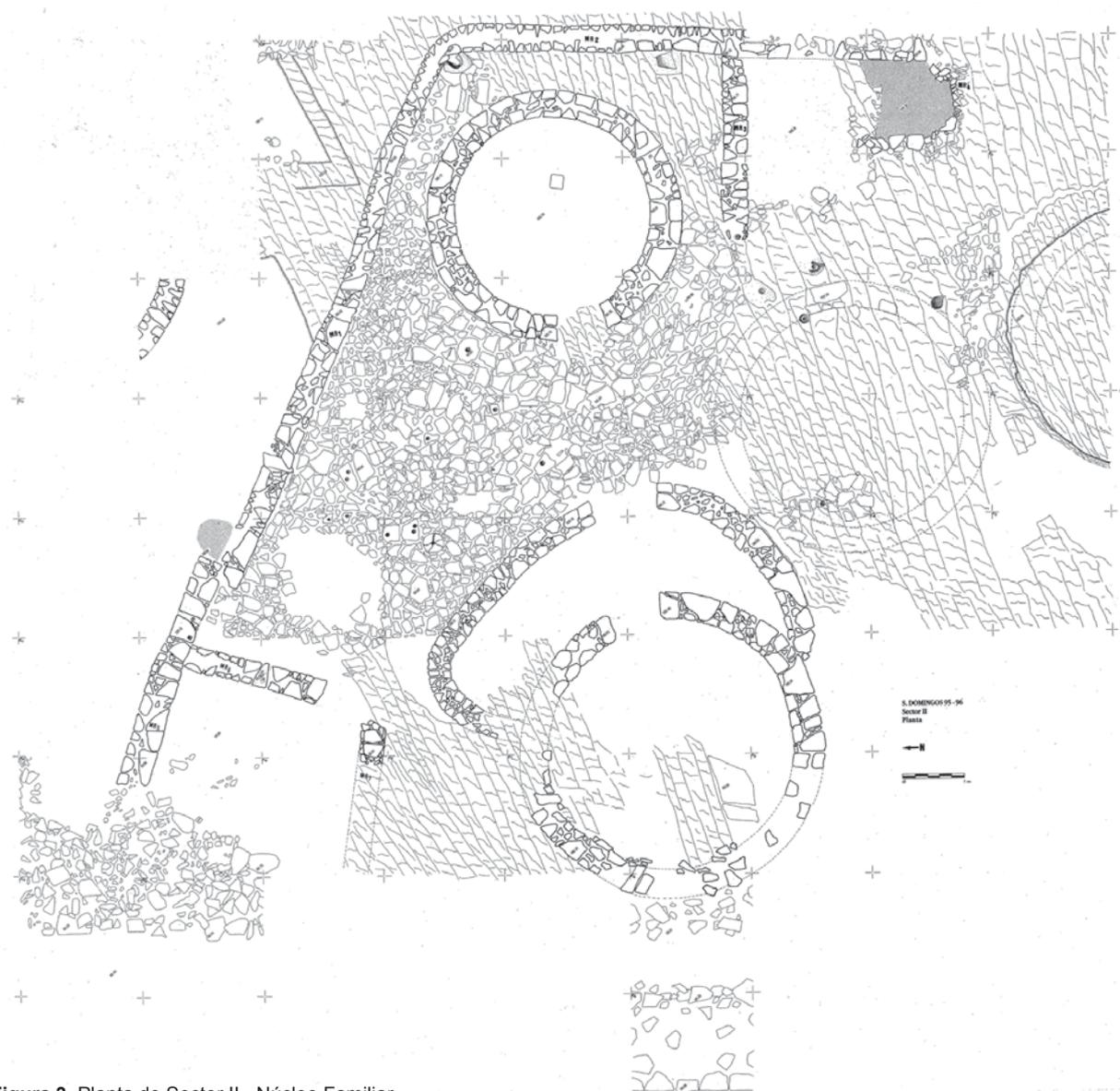


Figura 3. Planta do Sector II - Núcleo Familiar

piso em terra batida bem compactada, sobre a qual apareceu bastante *tegula* e *imbrex*, a sugerir a sua cobertura com um telhado à romana. Sobre este piso foi encontrada uma moeda de bronze, em razoável estado de conservação. Trata-se de um *asse* de *Augustus* cunhado em *Nemausus* entre 20 e 10 a.C., intencionalmente cortado a meio, o que o faz corresponder a um *semisse* (1/2 do *asse*). A moeda assim cortada denota a carência na circulação local de submúltiplos do *asse*, fenómeno que afectou a Hispânia e outras regiões do Império entre os anos 30 e 40 d.C., carência essa que foi suprida com o corte a metade das moedas, consti-

tuindo-se como uma resposta às necessidades de número divisor de baixo valor para a realização de pequenas transações.

O achado, além de indiciar a introdução da moeda e os inícios da circulação monetária imediatamente a seguir à pacificação do Noroeste por Augustus (Centeno 1987: 233-234), permite ainda confirmar a ocupação deste núcleo desde a última década do século I a.C. e ao longo da primeira metade do século I d.C.

A escavação da borda da plataforma permitiu ainda encontrar a muralha que a rodeava, em estado de grande destruição devido ao seu derrube e ao roubo das pe-



Figura 4. Cerâmicas decoradas do Castro de S. Domingos

dras maiores e melhor aparelhadas. Com cerca de 1,8 m de largura, era constituída por dois paramentos exteriores em pedra de aparelho poligonal irregular de boas dimensões, preenchidos internamente por pedra miúda e terra. A ela encostava o pequeno compartimento de planta quadrangular atrás descrito, mostrando o corte estratigráfico aí efectuado um espesso nível de cinzas por debaixo do seu piso, indiciando a destruição violenta e conseqüente incêndio do povoado aquando da sua conquista, talvez integrada nas campanhas de pacificação levadas a cabo entre 26 e 19 a.C.

O espólio cerâmico aparecido neste núcleo habitacional é maioritariamente constituído por cerâmicas de tradição indígena, de cores escuras entre o castanho e o cinzento, de pastas arenosas, micáceas, alisadas e fabricadas a torno, sendo possível documentar a evolu-

ção dos fabricos resultante da aculturação e adopção de pastas mais depuradas, com cozeduras mais oxidantes e colorações avermelhadas, bejes, castanhas - claras e rosadas. As formas, normalmente de perfis em S, com fundos lisos, correspondem fundamentalmente a recipientes de cozinha - potes, panelas, vasos de armazenamento de líquidos e provisões, vasos de suspensão, alguns com asas interiores e em orelha, assadeiras e alguidares. No que diz respeito às gramáticas decorativas, elas compõem-se essencialmente de combinações em SSS, estampagens de círculos concêntricos, bandas de triângulos com ou sem besantes, muitas vezes preenchidos com incisões oblíquas, de tradição hallstática, típicas das fases II e III da cultura dos castros (Fig. 4). Os cossoiros, quer em xisto, quer em argila, atestam as actividades domésticas ligadas à fiação, aparecendo várias mós de rebole e mós giratórias a indiciar as actividades de moagem em zonas bem definidas do espaço habitacional. Pesos de rede fabricados a partir de seixos de rio, lâminas de sílex e enxós em anfíbolito polido mostram a sobrevivência de tradições culturais antigas no alto de S. Domingos, a exemplo do que se conhece noutras estações da região.

Os materiais de importação mais antigos resumem-se, como atrás dissemos, a alguns fragmentos de cerâmicas mediterrânicas de tradição oriental ou púnica e a contas em pasta de vidro, uma das quais oculada, com cronologias que remetem para os séculos IV/III a.C.

Os materiais de importação mais recentes são já seguramente romanos. Em primeiro lugar, aparecem numerosos fragmentos de ânfora, essencialmente do tipo Haltern 70, a atestar o comércio do vinho e do azeite, e os contactos estreitos com o sul. Em segundo lugar, aparecem-nos cerâmicas cinzentas finas polidas, alguns fragmentos de *sigillatas* sud-gálicas e, maioritariamente, as *sigillatas* hispânicas, lisas, com predomínio das formas Drag. 15/17, 24/25, 27 e 36, indiciando contactos estreitos com o vale do Ebro. Para além destes materiais de importação, do mundo romano há ainda a salientar o apa-



Figura 5. Castro S. Domingos - Planta da Casa Romana

recimento das cerâmicas comuns, de cor alaranjada e bege e numerosos fragmentos de *dolia*, tratando-se na maior parte dos casos de produções regionais com paralelos em outras estações desta área. Entre estas, de referir o aparecimento de um fragmento de cerâmica de pasta bege amarelada onde dentro de uma cartela se pode ler [PISI]RI, marca do oleiro PISIRVS, já referenciado na Citânia de Briteiros (Cardoso 1962: 70-74) e na Citânia de Sanfins (Jalhay 1950: 29-31; Silva 1986:126, 143 e Est. L, LXIV), onde estaria instalado o seu fabrico, o que demonstra a existência nesta época de centros oleiros de cerâmica comum com difusão regional.

A adopção destas cerâmicas pela população indígena é o indicador mais seguro da sua rápida aculturação e da sua integração no modelo romano, sobretudo a partir dos finais do século I a.C., e durante a primeira metade do século I d.C., cronologias confirmadas com base nos materiais estratigrafados.

3.1.2. O assentamento romano na meia-encosta do monte de S. Domingos

A vertente virada a sudeste do monte de S. Domingos domina um alvéolo encaixado, muito bem protegido dos ventos dominantes de norte e com grandes potencialidades do ponto de vista agrícola. Aí detectámos, numa leira junto à E.M.1132 que serpenteia na

meia-encosta, restos de muros e abundantes fragmentos de *tegula* e cerâmica comum romana a iniciarem a presença de importantes vestígios arqueológicos. O corte provocado pelas máquinas do empreiteiro que procedera ao desaterro do terreno, tendo em vista a construção de um prédio de habitação, mostrava um nível de ocupação com mais de 25 metros de comprimento.

As escavações então efectuadas vieram revelar os restos de uma casa já construída à romana, apropriando um pátio lajeado e uma antiga habitação circular, com paralelos noutras estações deste período.

Desta casa (Fig. 5) foram escavados os dois compartimentos que escaparam à destruição das máquinas. Estes mostram paredes ainda com cerca de 1,60m de altura, construídas em *opus incertum*, destinadas a um acabamento em *opus caementicium*, do qual ainda restam vestígios. O primeiro compartimento, no extremo nordeste, apresenta planta sensivelmente quadrangular com cerca de 4,5 m de lado, com uma porta virada a sudeste, pela qual comunicava com uma sala que foi destruída pela máquina e da qual só resta o arranque de uma das paredes e vestígios de um piso em terra batida, compactada e endurecida a fogo, idêntico aos pisos dos compartimentos completamente escavados. No centro deste compartimento, encontrava-se uma pedra quadrangular bem aparelhada, provavelmente base de um poste de madeira destinado a sustentar as asnas do telha-

do. Foi aqui encontrado um número bastante elevado de pesos de tear, concentrados numa área de cerca de 2 metros quadrados, juntamente com restos de madeira carbonizada, o que leva a supor uma utilização deste compartimento em actividades de fiação e tecelagem, entre outras que também aqui se possam ter desenrolado.

O segundo compartimento escavado já se não encontra completo, mas teria planta rectangular, apresentando uma largura de 4 m por, pelo menos, 6 m, que se mantêm conservados, tendo o resto sido também destruído pelos trabalhos de desaterro. Esta casa foi construída provavelmente pelos anos 30 do século I, considerando a datação de uma moeda de Tibério (14-37 dC) aparecida dentro da parede de um dos compartimentos, sendo a sua ocupação na segunda metade do séc. I seguramente comprovada pelo aparecimento sobre o piso de um fragmento de *sigillata* hispânica com marca do seu fabricante (*OFVAPA*), o oleiro *Valerius Paternus*, de *Tricio* (T. GARABITO e M. E. SOLOVERA 1976: 51; T. GARABITO 1978: 317), cuja cronologia de fabrico aponta para o reinado de Domiciano (\pm 83 d.C.).

No exterior da casa, a sudoeste, como atrás dissemos, desenvolvia-se o lajeado de um grande pátio pertencente a uma habitação de planta circular, castreja, talvez da segunda metade do século I a.C. e possivelmente integrada no espaço apropriado pela casa romana. Da habitação castreja subsistiram ainda parte dos seus muros, com cerca de 80 cm de altura, aos quais se sobrepôs um muro romano mais tardio.

A casa romana sofreu um incêndio e, provavelmente na segunda metade do século III, foi alvo de uma profunda remodelação, com a redução do seu espaço anexo. Os pisos foram aterrados em cerca de 80 cm, aproveitando-se, para tal, parte dos derrubes e construindo-se novos pisos, sendo utilizados os muros anteriores como alicerce de uma nova construção.

Desta, apenas subsistiram os vestígios inferiores dos seus muros, assentes, como dissemos, nos do século I, bem como os seus pisos em terra batida e compactada. Sobre estes, um grande derrube de *tegulae* e *imbrex* atesta a queda do telhado provocada novamente por grande incêndio, provavelmente já no contexto das destruições operadas nos meados do século V aquando da invasão Visigoda e da queda de Requiário

Sobre um destes pisos, e caído do telhado onde estaria escondido numa bolsa de pano ou de couro, apareceu um pequeno conjunto de moedas de bronze

(*antoniniani*), com cronologias entre 260 e 273 d.C., abrangendo os reinados de Gallienus, Salonina, Claudius II, Aurelianus e Tetricus.

É grande o espectro cerâmico das três fases de ocupação encontrado nas escavações desta casa romana, sendo de realçar, além de cerâmica castreja, a variedade das cerâmicas comuns e das cerâmicas de mesa, que vão das chamadas “paredes finas” às *sigillatas* ditas “bracarenses” e hispânicas, sobretudo das formas 15/17, 18, 24/25, 27, 35, 37, lisas e decoradas, bem como as *sigillatas* claras, patenteando cronologias desde o século I ao século V. Entre as cerâmicas de construção, com abundantes e variadas marcas figulinas, é de realçar o aparecimento de um fragmento de tijolo onde, dentro de uma cartela rectangular, aparece a inscrição “SATVRN[...]”, num encaixado de nexos, a indicar a existência de um fabricante de nome SATVRNINVS, cuja marca, absolutamente idêntica, é possível referenciar também nas escavações de Bracara Augusta (MORAIS, ???), provavelmente um oleiro local, cujas produções adquirem um âmbito regional em meados do século I.

Nos estratos superiores, que cobriam o conjunto romano, foi possível ainda vislumbrar restos de um empedrado e de uma pequena construção em muro simples, que pode ser atribuída à Alta-Idade Média, com alguns fragmentos de cerâmicas cinzentas tardias, mas estes níveis ainda aguardam nova escavação.

4. O povoamento no vale do Sousa: o possível *vicus* de Meinedo

Ao longo do rio Sousa, desde a sua formação, vários foram os povoados habitados desde a época do Ferro até à chegada dos romanos, com destaque para o castro do Ladário, o de St^a. Marinha e o da Pedreira, todos em Felgueiras. Quando o vale se alarga, já em território que hoje em dia integra o concelho de Lousada, temos a registar os povoados do Bacelo (Torno), o castro da Aveleda (Aveleda), e o castro de Meinedo. Abandonados depois da chegada dos romanos, as populações habituaram-se a um novo modelo de povoamento relacionado com uma agricultura muito mais desenvolvida, tendo descido das alturas e aproximando-se das férteis terras do vale, onde se disseminaram. É precisamente esse fenómeno que se detecta em Meinedo.

Há cerca de sessenta anos, a construção de uma casa

de habitação na Quinta dos Padrões, em Meinedo, fez aparecer uma série de vestígios arqueológicos que indicavam a existência, no local, de edifícios provavelmente tardo-romanos (Oliveira 1967: 46-51). Fragmentos de cerâmica, pesos de tear, mós, *tegulae* e *imbrex*, tijolos e canalizações mostravam à evidência a importância do local, o que veio a ser reforçado com o aparecimento, quando da abertura de vinhas na quinta, de capitéis visigóticos, sarcófagos antropomórficos, uma tina poligonal e um sem - número de pedras lavradas com decorações já nitidamente medievais pertencentes, sem dúvida, a um templo de época posterior.

Mais tarde (Almeida 1972: 113-136), é anunciado o aparecimento de cerâmicas comuns romanas, *sigillatas* hispânicas, *sigillatas* claras D, cerâmicas de engobe interior vermelho pompeiano e fragmentos de uma lucerna do século IV no local onde foi aberto o campo de futebol, contíguo à Quinta dos Padrões, a indiciar uma grande área de dispersão do povoado em época tardo-romana (Alarcão 1988: 24, nº 1/413 e 1/413**).

A importância deste povoado na época romana pode ser entendida, em primeiro lugar, pela sua localização: evoluindo a partir de um castro indígena implantado no outeiro onde hoje em dia se situa o cemitério²³, vem a ocupar a uma cota mais baixa um esporão de meia encosta, virado a noroeste, sobre o rio Sousa. Numa posição privilegiada sobre a veiga, a riqueza agrícola desta zona deve ter sido determinante na sua evolução, atingindo durante o período suévico a categoria de sede de bispado. A identificação de Meinedo com o topónimo *Magnetum* do Paroquial Suévico é feita por A. de Almeida Fernandes (Fernandes 1997: 72), que aqui radica uma *paroécia* em 572, devendo a sua sede ter-se transferido posteriormente para *Portucale* (Brandão 1971: 627-628), visto o seu bispo ter comparecido ao terceiro Concílio de Toledo em 589 e já não aparecer nenhuma referência a *Magnetum* nesta altura.

Pouco se sabe da evolução posterior do sítio até ao século XIII, quando aí é sagrada a igreja que ainda

hoje conhecemos. Escavações arqueológicas realizadas em 1991 revelaram uma estrutura absidal circular pertencente a um primitivo templo pré-românico. Segundo Miguel Rodrigues (Rodrigues 1993: 5), este edifício "... seria constituído provavelmente por uma nave principal orientada segundo um eixo Este-Oeste e com uma capela-mor eventualmente semelhante à ábside lateral encontrada. O edifício situar-se-ia sensivelmente no local em que se encontra o actual templo, sendo mesmo possível que parte da parede lateral norte da nave tenha sido utilizada no edifício românico". Para este autor, a estrutura arquitectónica aparecida, o tipo de aparelho utilizado e os capitéis encontrados nas imediações indiciam tratar-se de um edifício de construção suevo-visigótica, datável dos séculos VI-VII d.C. (A. M. Silva, et alii 2000: 104-110).

Na sequência das obras de construção do Apeadeiro de Meinedo, efectuadas pela REFER, tornou-se necessário repensar o caminho público que vem do centro da povoação em direcção ao campo de futebol, e que vai dar ligação à nova variante traçada para restabelecimento da passagem sob a via - férrea do troço Cete-Cáide, ligando à EN-320, na sua descida para o rio Sousa.

Aqui, mesmo atrás do campo de futebol, o caminho fazia uma curva apertada entre uma construção de apoio às instalações desportivas e o muro de vedação da Quinta dos Padrões, apresentando uma largura acanhada. Pretendendo a Junta de Freguesia o seu alargamento, conseguiu autorização dos proprietários da Quinta dos Padrões, que doaram o terreno para se proceder às obras pretendidas. Uma vez que o muro de vedação era também de contenção, visto a cota superficial do terreno da Quinta dos Padrões ser superior à do caminho, foi a área em causa desaterrada com uma máquina, o que revelou a existência de muitos fragmentos cerâmicos, a indiciarem a probabilidade da existência de mais vestígios arqueológicos. Alertados do facto, e na sequência das sondagens efectuadas ao longo do percurso do restabelecimento da passagem inferior da via férrea, foi aí programada uma outra sondagem constituída por três quadrículas

²³ - José Marcelo S. Mendes-Pinto, Património Arqueológico do Concelho de Lousada, *Plano Director Municipal*, Lousada 1992, (polic.). *idem*, O povoamento da Bacia Superior do rio Sousa, da proto-história à romanização, *Trabalhos de Antropologia e Etnografia*, Vol. XXXV,1 (Actas I Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. V), Porto, 1995.

e um pequeno acrescento, aproveitando integralmente o terreno que agora constitui a “berma” do caminho alargado, no intuito de avaliar o potencial arqueológico desta zona onde tinham aparecido muitos materiais romanos dos séculos IV e V, noticiados, como vimos atrás, por Jorge Alarcão e C. A. Ferreira de Almeida.

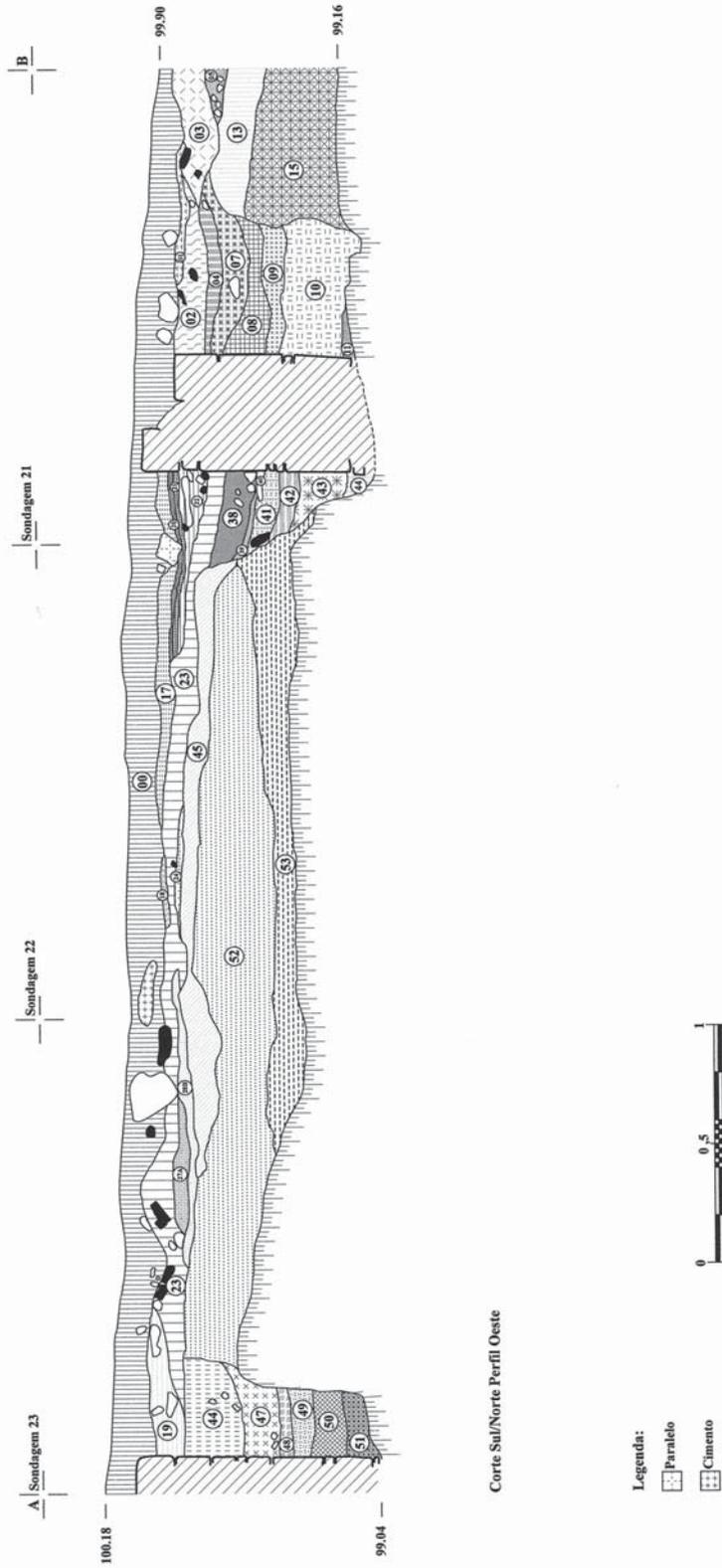
As sondagens puseram a descoberto os alicerces de parte de uma estrutura habitacional (Fig. 6), com 4 muros em *opus incertum* a definirem 3 compartimentos cuja função não foi possível apurar. No compartimento maior, de formato rectangular orientado a norte, definido por três dos muros escavados, ainda se identificaram restos de um piso e grande acumulação

de cinzas e carvões. O espólio, encontrado em estratigrafia não revolvida (Fig. 7), é constituído maioritariamente por cerâmicas de uso comum, de tipologias variadas, sobretudo fragmentos de *dolia*, bordos de pratos covos de ir ao lume, fragmentos de bilhas e asas de cântaros. Apenas apareceram dois fragmentos de *terra sigillata*, de fabrico hispânico, pertencendo um deles à aba de um prato da forma 4, datável entre o último terço do século I d.C e os princípios do século II, corroborando o outro fragmento esta cronologia. De assinalar também o achado de fragmentos de cerâmica cinzenta fina polida, decorada. Um fragmento tubular do pé cilíndrico de uma taça em vidro



Figura 6. Planta da estrutura habitacional - Meinêdo

Quinta dos Padrões - Meinedo
MND - RF 2000
Sector IV - Sondagens 21,22,23



Corte Sul/Norte Perfil Oeste

Corte Estratigráfico

Figura 7. Meinedo - Corte Estratigráfico A-B

esverdeado, forma Isings 44, remete para uma cronologia entre Tibério e Nero, com perduração na época flaviana. Alguns fragmentos de cerâmica paredes finas completam o quadro, a que se junta o achado da lâmina de uma faca, em ferro, e restos de pregos. As cerâmicas de construção estão representadas por fragmentos de tegula e imbrex. De realçar ainda o aparecimento de fragmentos de uma lucerna de bico redondo, atípica, mas já mais tardia, mostrando a continuidade de ocupação desta estrutura.

São estes os primeiros vestígios do povoamento romano em Meinedo escavados até ao momento, apontando para uma ocupação deste esporão virado ao rio Sousa já nos meados do século I e com perduração até à época tardo-romana. Escavações por nós efectuadas ao longo do restabelecimento da passagem inferior da via-férrea já tinham revelado, em estratigrafias de aterro, materiais cronologicamente compatíveis, sobretudo ao nível da cerâmicas *sigillatas*. Contudo, a diacronia de ocupação em Meinedo foi longa, pelo menos até aos séculos VI-VII, como comprovam as escavações que efectuámos junto à Igreja, na construção da casa mortuária e nas plataformas entre a Igreja e o apeadeiro, bem como alguns materiais aparecidos na Quinta dos Padrões, e nas encostas entre Cales-Covêlo e S. Mamede. Aqui, uma frontaria de altar da época visigótica espera lugar condigno em futuro Museu Municipal.

5. Conclusão

A escavações arqueológicas que conduzimos no Monte de S. Domingos e em Meinedo permitiram recolher dados cuja análise nos dá uma primeira panorâmica da evolução cultural das populações na bacia superior do rio Sousa desde a Idade do Ferro aos finais da época romana, inícios da Alta Idade Média.

O assentamento de populações da Idade do Ferro comprova-se aqui, no castro de S. Domingos, à volta do século V a.C., com as primeiras construções de planta circular nas plataformas superiores do monte, e a utilização de cerâmicas decoradas com motivos de tradição hallstática. Pelos finais do século IV, inícios do III a.C., as relações do noroeste peninsular com o Mediterrâneo são visíveis através do comércio púnico que traz até aqui cerâmicas gregas e vidros produzidos no Mediterrâneo oriental, símbolos de *status* soci-

al entre as elites castrejas. O povoado foi conquistado e incendiado provavelmente no decurso das Guerras Cântabras (26-19 a.C.).

A conquista e consequente pacificação operadas pelos romanos a partir das campanhas de Augusto, verificadas arqueologicamente na muralha e num compartimento rectangular da casa escavada no alto de S. Domingos, iniciam um novo período, em que se assiste à reorganização espacial do povoado, com o reordenamento interno dos núcleos familiares, que passam a ser compostos por unidades circulares e unidades sub-rectangulares ou quadrangulares cercadas por um muro e dando para um grande pátio lajeado, onde se processavam algumas das principais actividades domésticas, notando-se desde logo a adaptação à cultura romana e a influência mediterrânica da casa-pátio.

Os novos conceitos urbanísticos, apropriados e interpretados pelos indígenas, são comprovados na casa romana a meia-encosta de S. Domingos. Talvez pelos finais da primeira metade do século I, ou inícios da sua segunda metade, vemos a coroa do monte ser paulatinamente abandonada em favor das plataformas da meia-encosta, quando se começam a construir casas já tipicamente romanas, como a referida. A ocupação preferencial das encostas sul e nascente a partir da 2.^a metade do século I, mais abrigadas, prende-se com a utilização agrícola dos solos extremamente férteis desta zona, que constitui um pequeno alvéolo, e possibilita uma economia de cariz vincadamente agrário, intensificando-se então os contactos com o resto do Império. A atestá-lo, estão as cerâmicas de importação, as ânforas vinárias (*Haltern 70*) e de derivados piscícolas, os vidros e as moedas aqui encontradas. Sendo reocupado o alto do monte durante o século III/IV, parece que o povoado de S. Domingos perdurará pelo menos até aos inícios do século V, época da chegada dos bárbaros, quando terá sido destruída a habitação escavada por meio de novo incêndio, mas não será de estranhar se o desenvolvimento da investigação que aí levámos a cabo vier a demonstrar a continuidade de ocupação do sítio no período tardo-romano. Ao mesmo tempo, a romanização impôs-se também ao longo do vale do Sousa, atestado pelo abandono do alto de Meinedo e pelo estabelecimento de um povoado num esporão de meia-encosta, virado para os campos férteis do rio. A sua localização e as condições propícias de assentamento, virado a sul e a poente, fizeram o

povoado progredir, de tal forma que chega a sede de bispado no século VI, em pleno período suévico, fazendo supor que já seria um *vicus* no período romano.

A intensa ocupação desta zona na época romana traduz-se no estabelecimento de novos assentamentos, talvez do tipo *casal*, que deixaram abundantes vestígios na zona de Cales-Covelo e S. Mamede, entre Meinedo e Caíde, bem como em Boavista-Vila Fria,

em Aveleda, onde também surge um pequeno “castro agrícola”, utilizando a expressão com que C. A. F. Almeida designou os pequenos povoados próximos das zonas agrícolas, resultantes do abandono dos povoados indígenas de altitude. A actual Quinta dos Ingleses, em Caíde, com a sua lagareta, típica nesta zona o que deve ter sido o estabelecimento de uma unidade de produção agrícola romana, a *villa*.

Bibliografia

- ALARCÃO, A. (1958) – Sigillata hispânica em museus do Norte de Portugal, *Revista de Guimarães*, LVIII, 3-4, nº 2, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento.
- ALARCÃO, J. de (1988a) - *O domínio Romano em Portugal*, Lisboa, Ed. Europa-América.
- ALARCÃO, J. de (1988b) -*Roman Portugal*, vol. II, fasc.1, Warminster
- ALMEIDA, C. A. F. de (1968) – *Vias Medievais, I – Entre-Douro-e-Minho*, Porto, FLUP (Polic.).
- ALMEIDA, C. A. F. de (1972) - Notas sobre a Alta Idade Média no Noroeste de Portugal, *Revista da Faculdade de Letras*, 3, Porto.
- BARROCA, M. J. (1986) – *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (séculos V a XV)*, Porto, (Trabalho apresentado no âmbito das Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica à FLUP, polic.).
- BARROCA, M. J.; MORAIS, A. J. Cardoso (1983) – Sepulturas medievais na Terra de Aguiar de Pena (Vila Pouca de Aguiar), *Arqueologia*, 8, Porto, GEAP.
- BRANDÃO, D. de P. (1957) – O Castro de S. Domingos – Notas Arqueológicas, *Novidades*, 2 de Julho.
- BRANDÃO, D. de P. (1971) - O bispado de Meinedo. Contributo da Arqueologia para o seu conhecimento, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra
- CARBALLO ARCEU, X. (1996) – O espacio na Cultura Castrexa Galega, *A Cultura Castrexa Galega a Debate*, Tui, Instituto de Estudios Tudenses.
- CARDOSO, M. (1962) - Incrições e marcas figulinas em olaria Castreja, *Lucerna*, II, nº 1-2, Porto.
- CENTENO, R. M. S. (1987) – *Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192*, Anexos Nvmmvs, 1, Porto, Sociedade Portuguesa de Numismática.
- DIAS, L. T. (1997) – *Tongobriga*, Lisboa, IPPAR.
- DINIZ, M. V. (1963) – Manifestações Neolíticas na região de Paços de Ferreira, *Lucerna*, 3, Porto.
- FERNANDES, A de A. (1972) - *Paróquias Suevas e Dioceses Visigóticas*, Arouca, 1997. (Reedição da versão publicada no *Arquivo do Alto Minho*, vols. XIV, XV e XVI)
- FORTES, J. (1905-1908) – Notícias Epigráficas, *Portugália*, II, Lisboa, nº 4.
- GARABITO, T.; SOLOVERA, M. E (1976). – Terra sigillata hispanica de Tricio, II – Marcas de alfarero, *Studia Archaeologica*, 40, Valladolid.
- GARABITO GOMEZ, T. (1978) – *Los alfares romanos riojanos. Produccion y comercializacion*, Bibliotheca Praehistorica Hispana, XVI, Madrid.
- ISINGS, C. (1957) – *Roman glass from dated finds*, Groningen.
- JALHAY, E. (1950) – Nova Marca de Oleiro na Citânia de Sanfins, *Zephyrus*, Salamanca, vol. I.
- JORGE, V. O. (1982) – *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto – os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, Porto. (Dissertação de Doutoramento apresentada à FLUP, polic.)
- OLIVEIRA, A.de S. (1967) - A Igreja Românica de Santa Maria de Meinedo e a sua raiz na Alta Idade Média, *Boletim da Associação Cultural Amigos do Porto*, vol. IV, t. 2 e 3, Porto.
- MENDES-PINTO, J. M. S. (1995) – O povoamento da bacia superior do rio Sousa — da Proto-História à Romanização, *Trabalhos de Antropologia e Etnografia, (Actas do 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular, V), Vol. 35, fasc. 1*, Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- MENDES-PINTO, J. M. S. (1996) – *Tesouros monetários baixo-imperiais entre Douro, Ave e Tâmega*, Porto (Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à FLUP, polic.).
- MENDES-PINTO, J. M. S. (2000) – Sondagens Arqueológicas em Meinedo -Lousada, IPA, Lisboa (polic.).
- MENDES-PINTO, J. M. S. (1999) – Sondagens Arqueológicas no Apeadeiro de Meinedo -Lousada, IPPC, Lisboa (polic.).
- PINTO, G. C. (1996) – *A Necrópole de Montes Novos-Croca, um cemitério da Gallaecia tardorromana*, Porto, (Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à FLUP, polic.).
- QUILICE, L.; GIGLI, S. Q. (1994) – *Strade Romane-Percorsi e Infrastrutture*, Roma, “L’Erma” di Bretschneider.
- RODRIGUES, M. (1993) – *Escavações arqueológicas na Igreja de Meinedo*, IPPAR, Porto, (polic.).
- RUANO RUIZ, E. (1996) – *Las cuentas de vidrio prerromanas del Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera*, Ibiza, Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera.
- SARMENTO, F. M. (1884) - *Revista de Guimarães*, I e XVIII, Guimarães.
- SARMENTO, F. M. (1933) – *Dispersos*, Coimbra.
- SILVA, A. C. F. (1986 a) – *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal*, P. de Ferreira, C. M. de Paços de Ferreira.
- SILVA, A. C. F. (1986 b) – Paços de Ferreira. As origens do povoamento: do megalitismo à romanização, *Paços de Ferreira-Estudios Monográficos*, P. de Ferreira.
- SILVA, A. C. F. (1996) – A cultura castreja no Norte de Portugal: integração no mundo romano, *Los Finisterres Atlánticos en la Antigüedad – época prerromana y romana*, Madrid, Ed. Electa.
- SILVA, A. C. F.; GOMES, M. V. (1992) – *Proto-História de Portugal*, Lisboa, Universidade Aberta.
- SILVA, A. C. F.; MENDES-PINTO, J. M. S. (2001) – Comércio Púnico com o Noroeste, *Os Púnicos no Extremo Ocidente* (Actas do Colóquio Internacional, Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000), Universidade Aberta, Lisboa.
- SILVA, A.M., *et alli*, (2000) - A Arqueologia Medieval e Moderna na região do Porto - breve balanço e algumas reflexões críticas, *Al-Madan*, IIª série, nº 9, Almada.
- SOEIRO, T. (1984) – Apontamentos sobre a ocupação entre

Sousa e Tâmega em época romana, *Penafiel-Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, nº1, Penafiel.

VASCONCELOS, J. L. de (1913) – *Religiões da Lusitânia*, III, Lisboa.

XUSTO RODRIGUEZ, M. (1988-89) - Area de Vision,

Topografia e Territorialidade: o mundo dos Castros, *Boletim Auriense*, XVIII-XIX, Ourense.

XUSTO RODRIGUEZ, M. (1992) – La concepcion territorial en la Cultura Castrenã de Galicia, *Revista de Arqueologia*, 137, Madrid.